

Lasar Segall e o Brasil: obras de 1924 a 1928.

Maria Eugênia Z. de Moura*, Maria de Fátima M. Couto

Resumo

O presente trabalho consiste na pesquisa e comparação de obras produzidas por Lasar Segall nos anos de 1924 a 1928, focando-se na representação do negro, em relação àquelas produzidas por outros artistas, com a mesma temática, tais como Candido Portinari e Emiliano Di Cavalcanti, que também se utilizaram desta temática durante os anos do modernismo em diante. A pesquisa visou estabelecer similaridades no modo em que os artistas do período viam as camadas sociais subalternas, e apesar das diferentes representações, seja na forma da figura humana ou no tipo de cena retratada, acabavam por perpetuar um ponto de vista preconceituoso sobre os negros, com a justificativa de exaltá-los como o verdadeiro retrato da sociedade brasileira. A partir da metodologia interpretativa, o estudo se apoiou em textos de época dos próprios artistas e de críticos como Mário de Andrade, assim como em estudos mais recentes, principalmente de Cláudia Valladão de Mattos, Tadeu Chiarelli e Renato de Souza Porto Gilioli, que em suas produções trouxeram à tona grandes discussões sobre o modernismo e pontos de vista mais críticos sobre o período.

Palavras-chave:

Modernismo, Lasar Segall, Negro.

Introdução

A Arte Moderna no Brasil trouxe desde o início uma forte iniciativa de chocar a alta burguesia, nesse contexto, o uso da representação do negro – e, em termos mais gerais, do afro-indígena – tornou-se objeto ideal para afrontar os valores conservadores daquela classe dominante (GILIOLI.). Porém, ao analisar atentamente o período, através das pesquisas de outros autores, principalmente na biblioteca do Museu Lasar Segall cujo acervo possui grande quantidade de livros sobre este período da produção artística de Segall, este trabalho teve objetivo de analisar e pontuar em quais aspectos das pinturas Segall, Di Cavalcanti e Portinari, principais pintores da população negra do país, realmente tiraram o negro da exotização normalmente utilizada, ou não, e levantar a discussão sobre o racismo velado que está inserido nas obras do período. Além de analisar as telas no que diz respeito a suas características plásticas e inovações pictóricas feitas por esses artistas.

Resultados e Discussão

Inicialmente, a pesquisa tinha o foco, principalmente, de analisar as pinturas e textos de Segall a fim de compreender qual a relação do pintor judeu com as camadas marginalizadas do Brasil, país no qual viveu grande parte de sua vida. Por pintar muitas telas cuja temática era o negro brasileiro e o cotidiano das favelas e comunidades, além de estar ligado ao modernismo, movimento que se justificava como enaltecimento da cultura brasileira, não foi difícil encontrar textos que justificassem esse interesse do pintor pelas camadas subalternas como uma identificação pessoal do mesmo com sua identidade, uma vez que por ser judeu, e lituano, ficou por diversas vezes à margem da sociedade. No entanto, ao pesquisar outros artistas do período como Di Cavalcanti e Portinari, também muito conhecidos por representarem os negros em sua produção artística, foi possível perceber uma homogeneidade de pensamento desses modernistas quanto ao tema. Segall pintava negros e negros, como

também fizeram Portinari e Di Cavalcanti, que também pintavam ambientes urbanos, rodas de samba, mas ainda sim, o ponto de congruência entre os três artistas era que, apesar de “protegidos” pela justificativa de exaltação do que seria o modelo da população brasileira, eles continuaram colocando esses indivíduos num patamar de exótico ou à margem, sem enfrentar a questão da exclusão social. Os negros de pele clara, chamado por eles em suas obras de mulatos, continuaram colocando esses indivíduos num patamar de exótico, sem possibilidade de mudança social.

Ao retratar um homem negro em meio a uma plantação como em *Bananal* de Segall, e *O Lavrador de Café*, de Portinari, os artistas assumem que o indivíduo pertence àquele meio quase como parte da paisagem, e aqui utilizo as palavras de Gilioli, quando afirma que no entanto, o negro e a mulher, apesar de vistos com *glamour* e sendo protagonistas nas cenas de suas obras, permaneciam sendo retratados como “primitivos” e “exóticos”, termos utilizados pelos próprios artistas à época. As mulheres negras apareciam como objeto sexual e as famílias dos morros cariocas eram vistas quase como habitantes de reservas naturais. Tudo isso sem perder a beleza e a atração visual, com destaque para a vivacidade das cores, bastante tropicais.

Conclusões

Conclui-se que, apesar da grande tentativa modernista de exaltar a figura do negro quase heroicamente, acabou por perpetuar a exotização dessa população ao situá-la, em suas pinturas, sempre ao que considerava sua ambientação natural, como o campo e a favela; além de sexualizar os corpos femininos e retratar os homens negros sempre como “malandros”.

Agradecimentos

Agradeço ao Museu Lasar Segall e ao CNPq.

GILIOLI, R. S. P. *Representações do negro no modernismo brasileiro: artes plásticas e música*. 1. E.d. São Paulo: Best Book, 2008.